

Carnavalesco, atleta, mobilizador esportivo e líder sindical, Vicente Rão (1908-1972) inscreveu seu nome na história de Porto Alegre como o mais icônico rei momo da cidade durante 22 anos consecutivos de folia



ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDI/REPRODUÇÃO/JC

reportagem cultural

O rei-momo número 1 de Porto Alegre

Marcello Campos, especial para o JC

Diz a mitologia grega que Zeus andava de saco cheio com o comportamento zombeteiro de um tal deus Momus quando o expulsou do Olimpo. Rebaixado a criatura errante do hedonismo, andou meio esquecido até sua reabilitação pela cultura popular europeia na Idade Média, absorvendo aspectos dos bobos-da-corte e de monarcas exuberantes como o francês Luís XV, dentre outras influências. O resultado foi o surgimento de uma figura robusta, exuberante, colorida e satírica - fartura, poder, alegria e subversão da ordem, sob a alcunha de "rei momo". Embora haja registros de sua presença em eventos de países

latinos como Espanha, Colômbia e Uruguai, tudo indica ter sido no Carnaval brasileiro que ele se sentiu em casa.

Interpretado inicialmente por um palhaço de circo no Rio de Janeiro de 1910, o personagem passou a desfilar - sob incentivo de jornais e revistas cariocas - na principal celebração pagã do País, primeiro como boneco de papelão e, a partir da década de 1930, em carne e osso, vestido como personagem de ópera e eleito mediante votação popular também promovida pela imprensa. A ideia de um "governante" da anarquia foliã logo chegou a Porto Alegre, repleta de blocos de rua e bailes em agremiações, conforme resgata o ex-carnavalesco Joaquim Lucena Fi-

lho, coordenador de Manifestações Populares da Secretaria Municipal da Cultura (SMC) em 2015-2016 e estudioso do assunto.

"Os festejos cresciam a cada ano, ainda descentralizados em diferentes bairros e sem escolas de samba, que só começariam a surgir em 1939, com a Loucos de Alegria, cofundada por meu pai. Isso fez com que houvesse inicialmente mais de um rei momo, função exercida por carnavalescos como Alfredo 'Macalé' Raimundo na Cidade Baixa e Adão 'Lelé' de Oliveira, o primeiro negro, no Areal da Baronesa. Foi na década de 1940 que a cidade passou a contar com um momo oficial, Francisco 'El Paco' Puerta, que reinou por dez anos", detalha. Sem desdém

aos demais, Lucena é enfático ao apontar o mais importante nome a usar a coroa, faixa e cetro no Carnaval da capital gaúcha, durante 22 anos: Vicente Rão (1908-1972).

Primogênito dos quatro filhos dos imigrantes italianos Michelangelo Rao e Thereza Lomando, ele imprimiu sua marca não só nos agitos momescos. Foi também atleta do Sport Club Internacional (fundado em 4 de abril de 1909, exatamente um ano após o nascimento de Vicente), pioneiro na criação da primeira torcida organizada do Rio Grande do Sul, introdutor das escolinhas no futebol gaúcho, bancário, líder sindical e primeiro Papai Noel "oficial" de Porto Alegre. Uma trajetória e tanto, a começar pela grande aventura

da infância, quando o pai levou a família para uma visita aos parentes na cidade calabresa de Polistena. Acabaram retidos por lá durante três anos, devido à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

"O patriarca precisou vender sua banca de importados no Mercado Público para levantar algum dinheiro capaz de alimentar o pessoal naquele cenário de racionamento", conta o sobrinho materno Cláudio Rogério Mendes, servidor municipal aposentado. Consta que, após o retorno para casa, a gurizada (acrescida do quarto irmão, nascido durante o exílio forçado do casal) teve que reaprender o português. Aos poucos, entretanto, as coisas se ajustaram, a partir da década de 1920. Vicente estudou nos colégios Júlio de Castilhos e Anchieta, trabalhou como aprendiz de relojoeiro, serviu ao Exército - deu baixa como sargento bom de tiro - e teve longa carreira no Banco Nacional do Comércio desde os 16 anos, primeiro como contínuo e depois escrivão.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Apesar da Sta. Casa, um espetáculo obrigatório

Durante o período da Covid-19, a atriz e diretora Deborah Finocchiaro idealizou uma série dramática de vídeos, denominada *Confissões da casa*. Nela a partir de relatos verídicos, coletados ao longo do tempo, cada vídeo, de cerca de 40 minutos, enfocava um caso acontecido, através de depoimentos dramatizados com a participação de diferentes atrizes locais. A série teve repercussão, quer pelo tema em si, mais do que necessário, quer porque abriu um espaço alternativo de trabalho, já que contava com financiamento público. A ideia amadureceu e agora temos o espetáculo *Confessionário - Relatos da casa*, em que não se realiza apenas uma montagem sintetizada de toda aquela série, mas um novo produto, um espetáculo de palco, com a participação de duas atrizes (uma das quais cantora) e um ator, que também é músico, com cerca de hora e meia de duração.

O tema se ampliou. As violações contra mulheres se somaram as violações às mulheres negras e, inclusive, a jovens que, mais tarde, enfrentarão a difícil qualificação de população LGBT+. Ou seja, o espetáculo apresenta uma maturidade e uma amplitude de horizontes mais do que apropriada, uma vez que, embora a violência contra as mulheres seja a melhor documentada neste momento, não é menos verdade que outros segmentos enfrentam desafios extremamente difíceis, sobretudo porque tais ocorrências são socialmente invisíveis.

O roteiro original de Deborah Finocchiaro apresenta relatos de Gabriela Souza, Dana de Jade e Alice Ribeiro, Andréia Cavalheiro, Cristina Flores, Juçara Gaspar, Lizete Castro Martinez e Valéria Barcelos, contando com orientação cênica de Sílvia Canarin e assistência de direção de Nora Prado, direção de vídeos de Luiz Alberto Cassol e edição de Deborah Finocchiaro, trilha sonora de Angelo Primon, numa primorosa produção da Cia. de Solos & Bem Acompanhados, resultando num trabalho que necessariamente deveria tornar-se obrigatório para os adolescentes de segundo grau de nossas escolas, sobretudo para os rapazes, afim de prevenirem-se os comportamentos machistas e homofóbicos que depois se consolidam e se tornam habituais, infelizmente.

Para além dos casos escolhidos para constituir o espetáculo, vale a pena destacar que estamos efetivamente diante de um espetáculo de teatro.

Sua narratividade se organiza através de elementos dramáticos de cena, como a constante troca de figurinos, a projeção dos vídeos, a utilização da música ao vivo, o elemento tanto cômico quanto dramático, contrastando entre si, para dinamizar todo o trabalho. Deborah Finocchiaro é a principal animadora da cena, mas Andréa Cavalheiro - uma das depoentes, diga-se - além de trazer o ponto de vista do segmento negro, é uma cantora de surpreendente e cativante musicalidade, o que empresta a sua figura uma empatia imediata, de que muito lucram suas intervenções cênicas. Do mesmo modo, Angelo Primon, além de músico, é também o intérprete masculino, fazendo um equilíbrio dramático entre as vozes femininas e a dele.

Desta sorte, o espetáculo escapa do lamurioso e do discursivo, construindo-se como um belo exemplo do que, nas últimas décadas, tem-se denominado de teatro documento (a partir de Erwin Piscator e Peter Weiss, por exemplo, como referências internacionais; ou o hoje clássico *Luis Antonio-Gabriela*, de Nelson Baskerville): tem ritmo, desenvolve um tema sob a perspectiva dramática necessária ao teatro e varia constantemente seus enfoques e as ferramentas de que se vale, mantendo o interesse, a suspensão e a eficiência da narrativa. É evidente

que tudo isso acontece a partir do roteiro dramático, dos próprios depoimentos escolhidos, mas também da qualidade dos intérpretes. Um espetáculo maduro, obrigatório, destaque - sobretudo para os homens se darem conta do que provocam, mesmo sem pretenderem.

Apresentado no teatro do Centro Cultural da Santa Casa, em relação aos demais espetáculos a que venho assistindo no festival, não chegou a lotar a sala. Por que? Imagino que seja consequência de uma série de medidas que a direção da instituição vem tomando, de extrema antipatia para com os espetáculos que ali se apresentam: a cobrança do estacionamento, que antes era única e, portanto, podia ser antecipada, facilitando a saída, agora tem de ser paga apenas ao final, o que provoca filas; e o espectador agora é obrigado a usar uma pulseirinha, como se estivesse num show. Parece que na Santa Casa há dois comandos: um quer apoiar as artes, outro quer distanciar o espectador. Quem paga o pato são os espectadores e, claro, as produções.

O espetáculo escapa do lamurioso e do discursivo - um belo exemplo do que tem sido denominado de teatro documento

acontece

Ozzy sabia que tinha pouco tempo de vida, diz Sharon Osbourne

Ozzy Osbourne morreu em 22 de julho de 2025, pouco depois de seu último grande show, realizado no dia 5 daquele mesmo mês. Em uma nova entrevista ao podcast *Dumb Blonde*, Sharon Osbourne, viúva e empresária do lendário vocalista, contou que o astro sabia que tinha poucas semanas de vida quando decidiu fazer a mega apresentação.

“Duas semanas antes do show, disseram que ele provavelmente poderia morrer, e ele morreu. Mas ele queria muito fazer isso. Ele precisava disso”, disse Sharon. O show, o último da carreira de Ozzy com o Black Sabbath, aconteceu em Birmingham, na Inglaterra.

Segundo Sharon, Ozzy dizia: “Quer eu morra em duas semanas ou em seis meses, eu vou morrer de qualquer jeito. E quero partir do meu jeito.” Menos de três semanas mais tarde, Ozzy morreu, aos 76 anos, de uma parada cardíaca em decorrência de doença arterial coronariana e Parkinson.

Ela também revelou que, no início de 2025, Ozzy enfren-

tou uma sepse - que consiste em uma resposta inflamatória descontrolada do corpo a uma infecção, podendo levar à morte. Naquele momento, diz ela, a lenda do rock e a família sabiam que era hora de começar a pensar sobre o pouco tempo que lhe restava.

“Quando a gente foi para a Inglaterra, ele passou uma semana no hospital. Quando ele saiu, os médicos falaram: ‘Ozzy, você sabe que isso pode te matar’. E ele respondeu: ‘Vou fazer o meu show’. Ele partiu como um rei”, compartilhou ela.

Sharon acrescentou: “Quando você viveu sua vida dessa maneira, você pensa: ‘OK, mais seis meses para partir do jeito que eu quero’. É como quando alguém que fuma fica bem velho, chega aos 78 anos, e você pensa: ‘Deixa ele fumar. Deixa ele em paz. Ele tem 78 anos.’ Ele partiu do jeito que queria.”

A empresária desabafou que ainda está achando “difícil” aceitar a perda. “Vou continuar trabalhando e vou continuar fazendo o que faço na minha vida. E é isso”, disse.

FREDY VIEIRA/ARQUIVO/JC



Vocalista morreu pouco mais de duas semanas depois do show de despedida

A coluna de cinema, assinada por Hélio Nascimento, não será publicada nesta semana

fique ligado

Noite de sertanejo no Araújo Vianna

Um dos nomes mais fortes do atual cenário da música sertaneja, o cantor Murilo Huff é atração neste domingo, às 20h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Em uma apresentação pensada especialmente para os gaúchos, o músico promete desfilar todos os grandes sucessos de sua carreira, além de oferecer uma série de momentos de emo-

ção ao público. Ainda há ingressos à venda no Sympla, com valores entre R\$ 195,00 e R\$ 1.500,00.

Nascido em Goiânia (GO), Murilo Huff inseriu-se no universo do sertanejo, primeiramente, como compositor, tendo canções de sua autoria gravadas por artistas como Michel Teló, Bruno & Marrone e Marília Mendonça - que se tornaria namorada do

artista e com quem ele teria um filho, Léo. O cantor assumiu os cuidados da criança após o falecimento de Marília em 2021, em um acidente aéreo. A partir de 2018, Murilo passou a desenvolver uma carreira solo de sucesso, em especial pela série de lançamentos *Ao Vivo* - cuja edição mais recente, de número 4, foi lançada em 2024.



Cantor e compositor Murilo Huff promete desfilar seus maiores sucessos em apresentação neste domingo

@TIMEDEFOTO/DIVULGAÇÃO/JC

Samba do Quintana em edição especial

A Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) abre o mês de março com a 25ª edição do Samba do Quintana, com participação da artista Glau Barros. O evento será no domingo, a partir das 17h, na Travessa Rua dos Cataventos. A entrada é gratuita.

No primeiro bloco do

encontro, o show fica com a banda residente Thiago Ribeiro & Amigos. Em um segundo momento, quem comanda o samba é Glau, que revisitará versões de clássicos como *Alguém Me Avisou/Sonho Meu*, de Dona Ivone Lara, *Zé do Carroço*, de Leci Brandão, *Coisa de Pele*, de Beth Carvalho, e *Canto*

das Três Raças, de Clara Nunes. O repertório também dialoga com leituras mais recentes do gênero, passando por faixas que vão de *Banho de Folhas*, de Luedji Luna, a *Nem Ouro, Nem Prata*, de Teresa Cristina. Em caso de chuva, o evento será transferido para o domingo seguinte.

Noite para lembrar O Síndico

O Tributo a Tim Maia retorna ao Grezz (Almirante Barroso, 328) na sexta-feira, 21h, para uma noite dedicada a um dos ícones da música brasileira. Formado por Tonho Crocco - cantor, compositor e integrante da Ultramen - Leonardo Boff, Flávio Passos, Chico

Paixão e Pancho Santos, o grupo se tornou referência nas homenagens ao icônico cantor e compositor. A banda fez sua estreia um mês após o falecimento de Tim Maia, em abril de 1998. De lá para cá, se apresentou em diversas cidades brasileiras, marcando

presença em quatro edições do Planeta Atlântida e na noite de autógrafos da biografia de Tim Maia, *Vale Tudo*, de Nelson Motta. O autor, inclusive, destacou que a banda faz o melhor tributo a Tim Maia no Brasil. Ingressos a partir de R\$ 35,00 via Sympla.

Rock autoral duro como rocha

A 41ª edição do Festival Rocha Dura acontece na próxima sexta-feira, às 20h, com entrada franca no Brotherhood Tattoo Pub (Coronel Vicente, 624 - Canoas). Na primeira edição do ano, apresenta show autoral com as bandas Carrossel Diabólico, Jimi Barba e Os Caras, Melindrosas, Meu Bruxo e The Violent Rocks.

O projeto itinerante tem

como objetivo incluir bandas e artistas autorais na cena musical de Porto Alegre e Região Metropolitana. Até o momento realizou 40 edições com a participação de 116 bandas, 161 shows e centenas de musicistas. Esta edição canoense será totalmente dedicada ao rock, com a maioria das bandas e artistas produzindo trabalhos inseridos no gênero.

Carnaval a pleno vapor no BarraShoppingSul

O carnaval ainda não terminou e o clima colorido e alegre vai tomar conta do Jardim do Baixo Barra no sábado, no BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300). Das 17h às 20h, o Barra Música realiza a edição Ritmos do Carnaval, com show da Turucutá, um dos blocos mais tradicionais da folia porto-alegrense, e set do DJ Nego Minas.

Conhecida por seus cortejos percussivos e pela presença marcante nas ruas da Capital, a Turucutá leva ao palco a ener-

gia dos tambores, marchinhas e clássicos carnavalescos que há anos embalam o Carnaval da cidade. O grupo se apresenta a partir das 18h15min, transformando o espaço ao ar livre em uma grande roda de festa coletiva. A programação começa às 17h com o DJ Nego Minas, que aquece o público com uma seleção de brasilidades e batidas dançantes. Gratuito e voltado a famílias, jovens e adultos, o evento propõe uma celebração aberta com vista para o pôr do sol do Guaíba.

Os ratos detrás do muro

Para começar oficialmente o ano da escola Teatro na Prática, o Teatro Carlos Carvalho da Casa de Cultura Mário Quintana (Andradas, 736) recebe duas sessões do espetáculo *Os Ratos*, na sexta-feira e no sábado, sempre às 20h. *Os Ratos* é o exercício cênico de conclusão da Oficina de Montagem de 2025/2026 do Teatro na Prática, obra que explicita mais uma vez o posicionamento da escola de formação diante dos processos sociais e culturais da cidade. Na montagem, nove

personagens encontram-se aprisionados por um grande muro. São manipuladas por um líder carismático que oprime através da religiosidade e do medo em um lugar e tempo não identificados. O espetáculo evoca poeticamente as principais imagens da opressão e violência da atualidade, como as guerras, a violência contra as mulheres e a violência de estado. O espetáculo é livremente inspirado na obra de Hilda Hilst, *O rato no muro*. Os ingressos estão esgotados.

TEATRO NA PRÁTICA PRODUÇÕES/DIVULGAÇÃO/JC



Montagem *Os Ratos* terá sessões na sexta-feira e no sábado na CCMQ

reportagem cultural



Vicente Ráo uniu futebol e música junto às categorias de base do Inter

Futebol, carnaval, filantropia

Marcello Campos, especial para o JC *

Bom de bola e fanático pelo Internacional, o jovem e ainda magro Vicente Ráo ingressou em 1926 no 2º quadro (espécie de equipe B) do Colorado. O centro-médio estufou a rede em sua única partida entre os titulares (4 a 1 no São José, pelo Campeonato Citadino), mas a falta de novas chances o fez deixar a Chácara dos Eucaliptos no final do ano seguinte, rumo ao Athletico Bancário Club (ABC), recém-criado com a participação de dirigentes do mesmo Banco Nacional do Comércio onde Ráo batia ponto desde 1924. Vestindo a nova camisa em quatro temporadas, ergueu a taça da segundona municipal e chegou a jogar contra o próprio Inter em ao menos sete duelos.

O encerramento precoce das atividades do ABC reconduziu Ráo à equipe alternativa de seu clube do coração, entre 1932 e 1934, até que problemas de con-

dicionamento físico apitassem o final de carreira, aos 26 anos. Mas o vínculo se manteve. De forma não remunerada, pôs a serviço da instituição uma imensa capacidade motivacional, visão esportiva e conexões pessoais com a cultura popular, tornando-se elemento-chave tanto nos bastidores quanto nos campos e arquibancadas. O intitulado “Jogador Nº 12” do Estádio dos Eucaliptos (casa colorada desde 1931) deflagrou ações pioneiras e decisivas na expansão esportiva e social do Inter.

Partiu dele a criação, em 1940, do Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP), nome pomposo à primeira torcida organizada do Sul do País. Também montou e esteve à frente das categorias de base (‘Celeiro de Ases’) em 1947-1955, incluindo mais de 100 guris da escolinha (‘Escola Rubra’), voltada à revelação de talentos. “Ráo condicionava a permanência dos garotos a boas notas no colégio,

além de ser uma referência de boa conduta, jamais ofendendo os adversários, por exemplo”, testemunharia o ex-atacante argentino José Villalba (1919-1987) em entrevista ao jornal Zero Hora, décadas mais tarde.

Esse protagonismo é analisado pela colorada Alana da Rosa, acadêmica do 9º semestre da Faculdade de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e cujo interesse pelo tema deve pautar seu trabalho de conclusão do curso: “Com o DCP, Vicente Ráo levou a festa carnavalesca para o estádio, fazendo da arquibancada um espetáculo com muitas bandeiras, faixas, charanga, marchinhas, papel picado, serpentina e até cortejos pela cidade logo após as vitórias em campo”. Dados do Museu do Inter apontam, aliás, o ingresso de 5.300 menores no quadro social do clube durante os oito anos de escolinha sob a batuta de Ráo. Antes, eram 88.

De ‘Folião Nº1’ a majestade carnavalesca

Clubismos à parte, o espírito criativo e brincalhão de Vicente Ráo já arrancava risadas até do mais ferrenho gremista, como fanfarrão-mor do Carnaval desde 1927. Sua caracterização de neném, com chupeta, mamadeira e declarações irreverentes, era vista a todo momento nas ruas, salões e veículos de imprensa, motivando os jornais tratá-lo como “Folião Nº 1 da Cidade”, representante informal do público festeiro e responsável por blocos como União dos Cinco, Miséria & Fome, Banda Philarmônica do Faxinal (com panela, urinol e outros objetos cotidianos servindo de instrumentos musicais) e Tira o Dedo do Pudim, cujos 30 integrantes se reuniam no porão de uma casa da rua Lima e Silva, proibidos de tomar qualquer birinaite.

Tamanha identificação e visibilidade fizeram dele uma escolha quase óbvia para um novo capítulo no currículo, faltando menos de um mês para o evento de 1949: assumir provisoriamente o trono do amigo e motorista de ambulância ‘El Paco’, que abdicara após dez anos como rei momo oficial de Porto Alegre, aos 153 quilos. O substituto segurou as pontas enquanto uma comissão municipal elegia para o cargo o radialista Júlio Rosemberg. Este último reinaria durante apenas dois folguedos. Adoentado semanas antes da edição de 1951, repetiu o antecessor e transmitiu a coroa ao ‘Folião Nº 1’,



“Carnaval para mim é algo muito sério”, costumava dizer o soberano da folia

dessa vez em definitivo.

A aceitação popular não poderia ser maior. Rito tradicional da época, uma enorme recepção foi preparada no portão central do cais para que Ráo e sua corte descessem de barco, na noite de sábado, 3 de fevereiro. Dali seguiram em carro aberto, sob escolta de blocos, cordões e clubes, por avenidas como Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. Em um coreto na Rua da Praia, outro na esquina da Rua da República com João Alfredo, discursou como ‘Sua Majestade, o Rei Momo Primeiro e Único’, ovacionado por súditos de diferentes camadas sociais, antes do périplo por bailes e eventos em toda a cidade, com bis no domingo.

Nos 22 anos seguintes, o soberano da animação se consolidaria como um dos maiores personagens da capital gaúcha. Não exatamente por causa da silhueta em contraste aos tempos de atleta, mas pela dedicação incondicional à alegria e pelo esforço a favor de agendas solidárias. “Muita gente pensa que o Carnaval é só brincadeira, mas para mim é algo muito sério”, costumava dizer. O especialista Joaquim Lucena Filho realça: “Ráo foi muito importante pela questão inclusiva. Sempre fez questão de dar destaque à população negra nos festejos. Como era banco e tinha grande penetração em todas as camadas sociais, ajudou muito nessa aceitação e visibilidade”.

Papai Noel voador

O quarentão Vicente Ráo já andava meio rechonchudo no início da década de 1950 (embora ainda não fosse rei momo), quando um jornalista sugeriu à prefeitura o perfil físico e comportamental do notório folião para encarnar o Papai Noel “oficial” de Porto Alegre. Com especial carinho pelos pequenos e engajamento constante em campanhas beneficentes, o notório folião abraçou a causa. Foram quase dez Natais vestindo a tradicional fantasia vermelha e branca, tendo às costas um saco rubro malandramente acrescido do emblema do Inter, em eventos com milhares de crianças, além de visitas a hospitais e outros endereços

- Rio Grande e Santa Maria estiveram no itinerário.

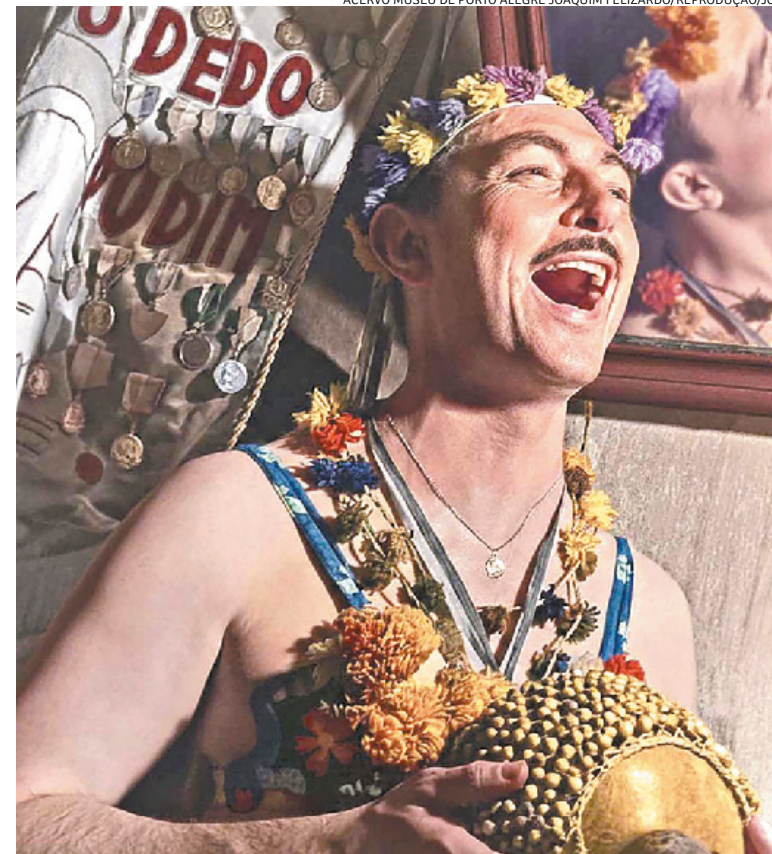
Certa feita, inovou ao chegar de helicóptero ao Parque da Redenção. A imagem da gurizada em delírio o emocionou de tal forma que pediu ao piloto mais alguns minutos de sobrevoo, para evitar o desembarque de um Noel tomado de lágrimas. “Se porventura eu morresse ali, com aquelas roupas nas cores do Colorado, teria sido meu dia mais feliz”, lembraria à Revista do Globo em 1959. “Boas ações são a única coisa que se deixa no mundo. Eduquei meu espírito para que cada acontecimento seja um tanque onde me encharco de otimismo.”



Como Papai Noel, Ráo chegou a descer de helicóptero na Redenção

ia e sindicalismo

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC



Vicente Ráo nos anos 1940, curtindo o Bloco Tira o Dedo do Pudim

Homenagem a Vicente Ráo

Samba-enredo da
Escola de Samba Império da
Zona Norte (1979)
Compositor: Waldir Soares

Ôôôôô...
Ele foi o rei momo que o povo
amou! Ôôôôô...
Abram alas pra estrada que o
Império chegou!
Nasceu para o carnaval em 1950
Um grande rei que já morreu,
viveu para o carnaval,
sempre sambando na avenida
Seu nome o povo não esqueceu:
Vicente Ráo!
No seu reinado de folia
As suas lindas fantasias
Faziam o povo delirar
Vicente Ráo, essa é a
nossa homenagem
Com uma pontinha de saudade
Vai o Império recordar
Relembramos na Baronesa,
Marinha em Brutos e Aratimbó,
Tira o Dedo do Pudim
e a Banda do Faxinal...
Seus dias de Papai Noel
E na Charanga do Internacional!

De volta ao Olimpo

Mesmo com a aposentadoria do Banco do Comércio em 1959, o ex-escriturário manteve um ativismo de classe que o levaria a dois episódios marcantes, do ótimo ao péssimo. O primeiro foi uma excursão aos Estados Unidos, em junho de 1964, para conhecer com outros protagonistas a realidade sindical em Nova York e outras cidades, sob patrocínio da Agência Internacional de Desenvolvimento (AID). A parte ruim é que sua atuação como presidente do sindicato da categoria o tornou alvo da ditadura instalada naquele ano e que o tachou de agitador - acusação mais adequada a um rei momo, talvez. Porém, os milicos não estavam para brincadeira: chegou a ficar detido por quase 24 horas e processado com base na Lei de Segurança Nacional.

Acabou absolvido em 1970, até porque o único regime que afrontava era o alimentar. "Não fumava ou bebia, mas era bom de garfo, principalmente com massas, galinha e melancia", entrega o sobrinho Cláudio Rogério Mendes. "Desde que me conheço por gente, ele morava comigo, meu irmão e nossos pais em uma casa estreita e comprida no

número 1.621 da rua Riachuelo, última quadra, passando a Viário José Inácio. Tinha hábitos

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC



Vicente Rao governou a folia de Porto Alegre durante 22 carnavais

simples, uma grande alegria de viver e ia a fundo em tudo o que fazia, com perfeccionismo. O problema era a saúde, que em determinado momento começou a se complicar por causa da obesidade."

Com 1m72cm e 120 quilos, Ráo mantinha inabalado o status de comandante supremo da folia, inclusive fora de época - foi eleito o mais simpático e bem vestido membro de uma convenção nacional de momos no Litoral paulista em 1963. Nem o pique mais contido, semblante menos arteiro ou tropeços da saúde ofuscaram o carisma após o abre-alas à terceira idade. Em setembro de 1972, sua chegada salvou no bairro IAPI um até então tedioso baile, posteriormente lembrado como a derradeira aparição pública de Sua Majestade, aos 64 anos: quatro dias depois, um quadro agudo de crise renal, hepática e cardiopulmonar exigiu hospitalização. Permaneceu em coma por uma semana, até finalmente despertar no final da madrugada de 23 de setembro. Estava diante de Zeus para receber de volta a chave do Olimpo.

A folia continua...

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC



Fantasias de Vicente Ráo (como a de bebê, em foto de 1938) marcaram época

O legado de um dos mais queridos tipos já surgidos na cidade não se resume ao nome de uma tranquila rua de apenas 95 metros no bairro Jardim Isabel, na Zona Sul da Capital. Ou ao enredo da Escola da Samba Império da Zona Norte no desfile de 1979. Isso, sem contar a influência exercida sobre seus sucessores - Sílvio 'Miudinho' Martini, Édio 'Queixinho' Onofre, Otávio 'Frotinha' Júnior, Fábio Verçoza, Ubirajara 'Byra' Borba, Luiz Pablo 'Japa' Gawlinski, Jefferson Amorim. Sua memória é preservada e compartilhada por dois museus: Joaquim Felizar do (da Secretaria Municipal da Cultura), no bairro Cidade Baixa, e Ruy Tedesco, no Estádio Beira-Rio.

O primeiro dispõe de acervo superior a 300 fotos digitalizadas, documentos pessoais e itens da indumentária momesca, doados pela família e consultáveis gratuitamente no local. Já o segundo, com visitação paga (exceto por sócios e menores de 5 anos), exibe na exposição permanente sobre a história do Inter um

conjunto de textos e imagens do atleta, torcedor e colaborador - outras duas aparecem no segmento dedicado a itens salvos da inundação pela enchente de 2024. Rao também está na mostra temporária *Carnaval em Retratos - Celebração de Cores e Emoções*, aberta em 16 de fevereiro no mezanino e com foco nas relação histórica entre o Colorado e a festividade.

A atuação como líder de classe é igualmente celebrada. Desde 2023, os programas informativos, institucionais e culturais do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (Sindbancários) para plataformas digitais são gravados e transmitidos no 'Estúdio Ráo', localizado no edifício-sede da rua General Câmara, Centro Histórico. Um justo reconhecimento ao combativo presidente da entidade, no período de 1956 a 1961, e da Federação dos Empregados dos Estabelecimentos Bancários do Rio Grande do Sul (Feeb-RS), entre 1962 e 1964, envolvimento que o colocou no radar da ditadura.



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

nas telas

Um futuro com as cores do arco-íris

Indicada ao Oscar deste ano, a animação *Arco*, de Ugo Bienvenu, é uma aventura em cores brilhantes criada inteiramente em 2D. Com produção executiva de Natalie Portman, o longa é ambientado em um futuro distante e idílico, no qual a humanidade detém o poder da viagem no tempo com trajes coloridos que projetam no céu um rastro de luz do arco-íris. Embora

seja muito jovem para se aventurar nessas jornadas, o impaciente Arco foge sozinho – apenas para se ver preso no ano de 2075, em um mundo mais perigoso que o seu. Felizmente, Iris, de dez anos, vê o misterioso garoto cair do céu. Com a ajuda do robô cuidador de Iris, eles embarcam em uma comovente odisséia para levar Arco de volta para casa.



Animação indicada ao Oscar, *Arco* é estreia de Ugo Bienvenu na direção

Clássico chega aos 60 em versão 4K

Clássico brasileiro dirigido por Luiz Sergio Person e que estreou há 60 anos nos cinemas, *São Paulo S/A* é relançado nos cinemas brasileiros em versão 4K, com cópias restauradas. Considerado um marco do cinema moderno paulista, o filme é ambientado na São Paulo dos anos 1960, uma cidade em pleno crescimento por conta da sua indus-

trialização. Carlos, o protagonista, desfruta de uma carreira em ascensão numa fábrica de autopeças, tem um bom casamento e algumas amantes. Mas, internamente, ele vive uma crise silenciosa e deseja fugir da sua realidade. No elenco, nomes como Walmor Chagas, Darlene Glória, Ana Esmeralda e Eva Wilma.

Um pouco de festa em meio à guerra

Belgrado, 1993. A Sérvia está em guerra, todos sofrem com as sanções e a inflação, mas a vida segue. Cada um faz o que pode. Marijana mantém a família unida. Seu marido só levanta os olhos do chão quando momentos de carinho com sua filha pequena, Minja, iluminam a rotina que se arrasta. *Feliz aniversário em Belgrado*, comédia dramática escrita e dirigida por Milica Tomović, acompanha a realização de uma festa à fanta-

sia para o aniversário de 8 anos de Minja, com a presença de familiares e outros pais. Aproveitando a rara oportunidade em que as crianças estão entretidas em outro cômodo, os pais abrem algumas garrafas na cozinha e desfrutam do reencontro. O longa-metragem de estreia de Tomović encena uma festa observada de maneira carinhosa e ao mesmo tempo mordaz, onde toda a tensão acumulada de tempos incertos é liberada.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Flor usada na decoração de igrejas	Expedição medieval para libertar Jerusalém do domínio islâmico	Ciclo festejado no Réveillon	Romancista e contista, autora de "Olhos D'Água"
	Autarquia ambiental	Mar que banha Creta e Rodas	
	Tempero marinho		
	Disposição de espírito		
		"Top (?)": <i>Maverick</i> , filme com Tom Cruise	
O país do Templo de Baco		Líder de Abu Dhabi Editores (abrev.)	Construção comum no trânsito do Rio
República africana			
Linha solta sobre a roupa	Grande mamífero do Pleistoceno		
	Atuação		
		Unidade de medida de um ângulo (pl.)	Prefixo de "unice-lular"
Estar iminente (perigo)	Lua vulcânica de Júpiter	Gioachino Rossini, compositor italiano	Enfeite de ouro na tiara papal
		Grupo formado por uma única família	
		Ponto principal	Peça do tear
		Quadro para chaves	Tipo de dermatose
Lobo- (?), animal na nota de 200 reais	(?) Dei, prelazia da Igreja Católica		
		Emoção que é má conselheira (dito)	
A última consoante	"Garota", na gíria paulistana		(?) Code, opção de pagamento via celular
Rouba; furta (pop.)			
		Tétis, para Aquiles	
Forma de linchamento virtual de quem age de maneira censurável		Muito (apócope)	
	Neônio (símbolo)		
		Yorkshire, Lhasa Apso e Dálmata	

BANCO 3/gun. 4/egen. 6/ibano — lquen. 12/cancelamento. 25

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

© coquetel / editores Coquetel

Solução												
0	N	E	M	V	E	N	V	C				
S	E	V	C	E	N	D						
I	U	M	V	N	V	A	F	V				
R	O	V	A	N	I	M	Z					
V	A	I	V	R	V	U	G					
E	L	O	S	P	O	R						
O	H	O	C	V	O	C	O					
V	T	C	V	A	R	A	P					
C	E	R	G	R	A	R						
I	N		I	O	P	I	F					
E	T	U	M	V	M	E						
C	E	E	I	T	V	M						
N	U	G	O	N	V	I	T					
O	M	E	A	N	S	A						
C												

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: A rebeldia é o tom principal, e você se dispõe a quebrar coisas talvez sem necessidade legítima. Sua liberdade não depende de você gastar demais ou desbançar os outros.

Touro: Um dia de ações desordenadas e violentas contra si mesmo, devido à perda momentânea da orientação e do sentido de valor das coisas. Você irá jogar contra si mesmo. Cuidado.

Gêmeos: Possíveis situações violentas no convívio com os amigos e na lida com recursos financeiros de outras pessoas. Há risco de roubos e outras formas de prejuízo material.

Câncer: Ações desordenadas e violentas no trabalho, com autoridades e nas parcerias. Os gritos de liberdade serão infundados. O que você deve, você pensa que lhe é devido.

Leão: Momento de ações desordenadas e violentas no cotidiano de trabalho e em relação a discussões filosóficas e viagens. O mau planejamento será causa de problemas.

Virgem: Ações desordenadas no relacionamento amoroso e íntimo. Você impõe sua vontade e não aceita nada contrário ou diferente dela. Cuidado com atos violentos e acidentes.

Libra: Forças desordenadas e um clima tenso se fazem presentes nas relações familiares e no casamento. Pode haver uma ruptura difícil de ser reconciliada. Cataclismo à vista.

Escorpião: Risco de erros no trabalho ou de ser impedido de agir como precisaria fazer. Um dia de ações desordenadas e violentas ao longo dos afazeres e deslocamento do cotidiano.

Sagitário: Momento de conflitos realmente perigosos no amor e nos negócios. A liberdade no amor será mal orientada. Os riscos financeiros lhe serão bastante prejudiciais.

Capricórnio: Você encontra um ambiente familiar tenso e viverá conflitos consigo mesmo, permitindo-se prejuízos ou se envolver com uma briga. Hoje, a rebeldia põe tudo a perder.

Aquário: Dia de ações desordenadas e agressivas nas relações próximas. O intelecto aponta as piores saídas, mobilizado pelo anseio de se livrar logo dos problemas.

Peixes: Cuidado com ações precipitadas e separatistas com os amigos e na lida com recursos financeiros. Poderá impor sua vontade sobre as pessoas, e isso lhe custar muito caro.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

O caminho indiano para a felicidade

Mesmo depois de tantos progressos científicos, tecnológicos, políticos e sociais, os humanos seguem em busca da sonhada felicidade ou, ao menos, de momentos felizes entre a rápida e curta trajetória entre o nascimento e a morte. Universidades como Harvard têm cursos e livros muito procurados sobre o tema.

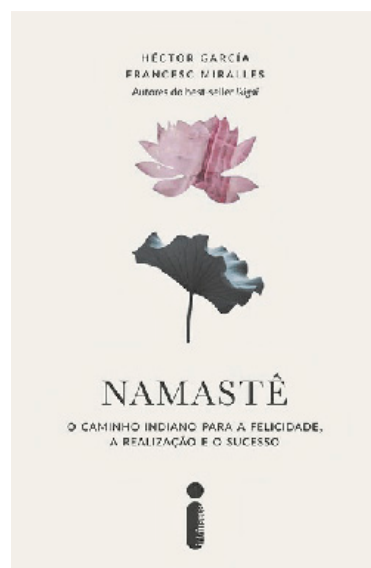
Namastê (Editora Intrínseca, 208 pág, R\$ 59,90), de Héctor García, espanhol radicado no Japão, engenheiro de *software* e escritor do *best-seller Ikigai*, em coautoria com Francesc Miralles, escritor, palestrante, tradutor, editor, terapeuta de arte e músico, apresenta, sob novas perspectivas, o caminho indiano para a felicidade, a realização e o sucesso.

Namastê examina os valores, conhecimentos e costumes indianos que se popularizaram na cultura ocidental para oferecer novas perspectivas sobre

como alcançar a felicidade, a realização e o sucesso. Os autores resgatam as doutrinas milenares daquele que é considerado o berço da espiritualidade e compartilham a sabedoria de mais de cinco mil anos para responder questões como a melhor forma de deixar o sofrimento e viver plenamente.

Quais as melhores técnicas para evitar o estresse, a ansiedade e o medo? Como podemos cuidar do corpo, da mente e do espírito para viver com energia total até o fim da vida? Além de reapresentar conhecidas técnicas indianas como a ioga e a ayurveda, os autores falam também de desapego, de filosofia Advaita (cada ser é uma parte do todo), do conhecimento do dharma (leis universais da felicidade) e do tantra (encontro entre o corpo e o espírito).

Com panoramas históricos, reflexões inspiradoras e ferramentas práticas, *Namastê* é um



guia enriquecedor com valiosos instrumentos para quem quer traçar o próprio caminho rumo à felicidade e o bem-estar, através de uma busca equilibrada. Como se vê, uma obra inspiradora e importante sobre essa tal felicidade.

e palavras...

O ETERNO LIVRO IMPRESSO

Há uns trinta anos, na Feira do Livro, um amigo editor e escritor me disse, agitado, que o livro impresso iria acabar diante da invenção do livro eletrônico, o revolucionário e-book. Diante dos últimos fatos internacionais, a opinião dele se mostrou mais furada que uma escumadeira.

Na Suécia, depois de muitos anos de telas e materiais digitais nas escolas, estudos e avaliações internacionais mostraram que a digitalização quase total estava ligada a quedas de desempenho de leitura e compreensão entre os alunos. Decidiram por lá voltar a usar livros impressos que ajudam na compreensão profunda de textos e concentração, enquanto que a tecnologia digital permanece como ferramenta complementar, não substituta.

Não só para crianças nos primeiros anos escolares, mas também para adolescentes e adultos em geral, a leitura individual e silenciosa do livro impresso segue sendo uma experiência única. Ler e virar as páginas de um livro estimula a imaginação, a concentração, a inteligência e a criatividade de um modo único. Os meios digitais tendem a dispersar as crianças e os adultos. Na tela o cérebro tende a ler mais rápido e de forma fragmentada. Escrever à mão e leitura silenciosa ativam mais o cérebro, melhoram a fixação e estimula a coordenação e o processamento cognitivo. O velho caderno está voltando.

Claro que é preciso equilibrar meios digitais com meios impressos. Livro im-

presso tem mais ritmo, pausa e repetição. Livro físico tem ritual: sentar junto, virar página, apontar figura. A tela é rápida demais. Acelera o mundo, e o livro desacelera o leitor. No livro físico, o leitor completa o mundo: imagina os rostos dos personagens, o cenário não pisca em alta definição, o silêncio entre duas frases é preenchido por dentro. Na tela vemos, no livro criamos.

Entre passar o dedo na tela e virar a página de um livro há diferenças. A leitura silenciosa é poderosa, sem ser espetáculo. É diálogo interior. Inteligência gosta de silêncio. Tela tem notificações, imagens demais. O livro impresso impõe resistência. Não vibra, não notifica, não compete por atenção. Convida o leitor a uma coisa cada vez mais rara: ficar, permanecer numa frase, atravessar um parágrafo inteiro sem interrupção. Estimula a sustentar um raciocínio até o fim.

Leitura silenciosa, hoje, é um ato quase subversivo. Ela é individual, demorada, invisível, não gera curtidas, não produz métricas e não alimenta algoritmos. Leitura silenciosa forma pensamento próprio. Há um tipo de liberdade que existe apenas numa página que não pisca. A tela pisca, o livro permanece. A tela chama, o livro espera. Tela faz tocar tudo e aprofundar pouco. A leitura silenciosa é um ato de insubordinação contemporânea. Imaginação precisa de intervalo, sombra e silêncio. Tela entrega imagens prontas, livro provoca imagens interiores. O livro não pisca, por isso ilumina.

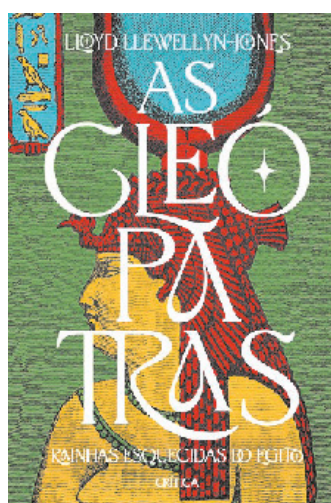
lançamentos



► **Híbridos** (Atual, 208 pág), de Ricardo Capra, consagrado especialista em dados, negócios e automação, filósofo e cientista, mostra como a inteligência artificial redesenha negócios e carreiras no século XXI. Capra examina com clareza e profundidade o futuro do trabalho entre interdependentes humanos e máquinas. Além de analisar, ele convida a refletir e agir.



► **Breve Memória de Simeão Boa Morte e Outros Contos Poéticos** (Faria e Silva Editora-Alta Books, 170 pág), de Lourenço Cazarre, jornalista e escritor consagrado e premiado, foi o grande vencedor da 5ª Edição do Prêmio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro. Com ironia e linguagem saborosa e fluente, os contos são uma visão paródica da literatura brasileira. O que dá título à coletânea é uma sátira impagável de *O Alienista* de Machado de Assis.



► **As Cleópatras - Rainhas Esquecidas do Egito** (Crítica-Planeta, 368 pág, R\$ 119,90), de Lloyd Llewellyn-Jones, professor da Universidade de Cardiff, especialista em Pérsia, Grécia e Oriente Próximo, resgata as sete governantes que dominaram o Egito antes de Roma. Ele mostra como elas tinham poder absoluto, com obsessão implacável pelo domínio geração após geração.

a propósito...

Antigamente o livro abria a cabeça. Hoje a cabeça precisa abrir o aplicativo. A pressa na comunicação é inimiga da perfeição e madrinha da superficialidade. Não vamos demonizar a tecnologia, que encurta caminhos, amplia repertórios e democratiza informações. Mas informação não é pensamento, é matéria-prima. Pensar exige silêncio, sequência, continuidade. Enfim, o

risco não está no pixel, mas na dispersão. Se o leitor sustenta a atenção, não importa se a página é de celulose ou de luz. Superficialidade não depende do material, depende da pressa. O futuro pode ser digital, mas o pensamento é analógico: precisa de tempo, sequência e silêncio. O tempo se vinga das coisas feitas sem a indispensável colaboração dele. (Jaime Cimenti)

pensando cultura

Temporada 2026 da Ospa incluirá ópera, música popular e retorno da Série Igrejas

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) apresentou ao público a sua programação para todo o ano. A agenda, que vai de pilares como Beethoven e Bach até referências da música popular, como Lupicínio Rodrigues, foi divulgada durante evento para imprensa e convidados no Complexo Cultural Casa da Ospa, na noite de terça-feira, e já está disponível no site da Orquestra. O primeiro evento do ano será o Concerto de Abertura da Temporada no dia 6 de março, às 20h, que contará com a inédita vinda da pianista Valentina Lisitsa. Os ingressos já estão esgotados.

Ao longo de 2026, serão mais de 40 concertos na Casa, além de apresentações no interior do Estado, récitas de ópera, recitais de Música de Câmara, apresentações especiais e intensa atuação do Coro Sinfônico e dos grupos da Escola de Música da Ospa. A venda de ingressos para os eventos de março, abril

e maio já está ocorrendo na plataforma Sympla.

Responsável pela curadoria da temporada, o diretor artístico Manfredo Schmiedt salienta que a programação de 2026 percorre diferentes períodos da história da música, do barroco ao contemporâneo, com obras de mais de 80 compositores de 20 países. “Em 2026, a Ospa celebra a maturidade de sua trajetória através de uma tríade estratégica: o compromisso inegociável com a excelência do grande repertório, o protagonismo da presença brasileira e a nossa crescente projeção internacional”, resume o diretor artístico.

A Fundação organiza a sua programação em diferentes séries de concertos: Casa da Ospa, Igrejas, Interior, POP, Música de Câmara, Ópera e Ospa Jovem. Principal vitrine da programação, a Série Casa da Ospa traz apresentações que ocorrem principalmente nas sextas-feiras, às 20h, e alguns sábados e

domingos, às 17h. Outros convidados inéditos são o grupo de metais American Brass Quintet e o renomado Quarteto da Cidade de São Paulo. Entre os solistas da temporada, instrumentos como harpa, saxofone, trompete e percussão dividem protagonismo com os tradicionais violinos e pianos.

Regentes de mais de 14 países estarão à frente da Orquestra portoalegrense ao longo do ano. Além do trio de regentes da Ospa, formado por Manfredo Schmiedt, Arthur Barbosa e Diego Schuck Biasibetti, a programação trará brasileiros como Priscila Bomfim e Cláudio Cruz regendo a Ospa tanto em sua Casa como no interior do Estado. Já os maestros Anderson Alves, José Maria Moreno, José Soares, Michael Repper e Zoe Zeniodi permanecem na Casa por duas semanas, para reger dois concertos cada.

As temáticas abordadas em 2026 serão múltiplas. Por decre-

to estadual, 2026 marca os 400 Anos das Missões, celebrando o legado jesuíta e guarani na formação do Rio Grande do Sul, e a Ospa integra oficialmente as comemorações com um espetáculo especial no dia 13 de março. O concerto contará com a participação da Família Ortaça, de Neto e Ernesto Fagundes e Shana Müller, além de outros convidados, em arranjos inéditos de Dhoulgas Umabel. A Temporada reúne alguns dos maiores títulos da história do repertório sinfônico, com Ludwig van Beethoven, Gustav Mahler, Pyotr Ilyich Tchaikovsky, Dmitri Shostakovich, e Johannes Brahms. Outras obras grandiosas presentes na programação são *Don Quixote*, de Richard Strauss, *La Valse*, de Maurice Ravel, e *Petrouchka*, de Igor Stravinsky.

Um dos momentos mais aguardados será a execução de *Poema do Fogo*, de Alexander Scriabin, em diálogo com *Os Planetas*, de Gustav Holst. Sob

a regência do músico da Ospa e maestro Diego Schuck Biasibetti, o Coro Sinfônico da Orquestra atua em obras como *A Paixão Segundo São João*, de Johann Sebastian Bach, e *Requiem*, de Giuseppe Verdi. Entre as efemérides do ano, a Ospa celebra os 120 anos de Radamés Gnattali e os 150 anos de Manuel de Falla. Obras de Heitor Villa-Lobos, Edino Krieger e dos contemporâneos Catarina Domenici, Dimitri Cervo e André Mehmarri também serão celebradas.

Já na intersecção entre música e dança, o palco da Ospa recebe o balé *Quadressências*, de Daniel Wolff, com a participação da Companhia de Dança Carol Dalmolin. A temporada prevê ainda a montagem de *O Menino Maluquinho*, uma ópera baseada no clássico de Ziraldo e concebida pelo compositor Ernani Aguiar especialmente para as crianças. O ano ainda marca a retomada da Série Igrejas, que leva a Orquestra a diferentes templos religiosos da Capital em apresentações abertas à comunidade. E, no Complexo Cultural Casa da Ospa, a Série Música de Câmara dá continuidade aos recitais realizados uma vez por mês, aos sábados, às 17h.

Parte dos concertos pelo interior do Estado também terão entrada gratuita. No roteiro da Série Interior, estão confirmadas passagens pelas cidades de Três Coroas (21/3), Novo Hamburgo (16/5), com novas datas a serem divulgadas ao longo do ano. Em 2026, a Orquestra de alunos mais avançados da escola, a Ospa Jovem, passará a realizar concertos dominicais, às 10h30min. A programação do conservatório também abrange apresentações da Orquestra de Sopros, do Coro Infantojuvenil, do Coro Jovem e diversos recitais de alunos, incluindo o projeto Escola da Ospa na Comunidade, que leva música a escolas, hospitais, ONGs e outros espaços.



VINÍCIUS ANGELI/DIVULGAÇÃO/IC

Agenda de concertos do ano está disponível no site da Orquestra; bilheteria dos três primeiros espetáculos já está aberta